

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

Camila Vieira Alves Batista

SÃO PAULO
2019

CAMILA VIEIRA ALVES BATISTA

**A CULTURA DE PAZ ENQUANTO PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO ENFRENTAMENTO DO
FRACASSO ESCOLAR EM TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS**

Projeto de pesquisa utilizado como trabalho final de
curso de pós graduação em Psicopedagogia Clínica e
Institucional pelo Instituto Sedes Sapientiae
Orientador (a): MA Elisa Maria Pitombo

Departamento de Psicopedagogia

SÃO PAULO
2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre nos incentivaram - a mim e meus irmãos - e hoje colhemos os frutos de uma família de resilientes.

Às minhas professoras, que me acolheram, ensinaram e orientaram carinhosamente.

Aos meus colegas de curso, que juntos pudemos compartilhar desafios e potências do nosso trabalho.

À minha psicoterapeuta e mestra de Reiki que apresentou escuta ativa, acolhimento, força e incentivo todas as vezes que eu recorri a ela.

Ao meu marido, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando.

Aos meus filhos, que me deram a graça vivenciar com eles as descobertas e aprendizados do desenvolvimento humano.

Aos meus pacientes, que me escolheram e confiaram em mim para a partilha de suas dificuldades e assim, contribuíram para minha experiência profissional.

Ao Universo e às possibilidades de trabalho que tive, sou grata. Nasci e cresci no território vulnerável do Jardim Ângela, venci suas adversidades e há 16 anos tenho a oportunidade de promover saúde, tratamento e oferecer qualidade de vida à população do território da minha origem.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar a Cultura de Paz como uma possibilidade viável de recurso terapêutico no enfrentamento da evasão escolar em indivíduos de escolas públicas que vivem em territórios de vulnerabilidade social. Foram apontados conceitos teóricos sobre problema de aprendizagem e em especial a evasão escolar, após isso indicados os fatores de risco e de proteção que numa ampla perspectiva são capazes de afetar negativamente ou positivamente desenvolvimento do indivíduo, seja ele físico, mental, social e pedagógico. Quando se inicia um processo pautado na Pedagogia da escuta, faz uso da empatia, efeito este que reconhece e valoriza os potenciais das crianças e adolescentes no contexto escolar estimula-se a resiliência, que dá suporte no enfrentamento da problemática evasão escolar. Por este motivo o psicopedagogo precisa existir e estar presente para auxiliar indivíduos com esta necessidade. Como visto nesta revisão bibliográfica, muitos os textos que foram pautados, abordam a necessidade de haver ações de cultura de paz, na infância e adolescência, envolvendo planejamento e políticas públicas de prevenção de violência, da promoção de saúde e da cultura de paz no ambiente escolar.

Palavras Chave: Evasão escolar, Vulnerabilidade, Cultura de paz.

ABSTRACT

The present work aims to present the Culture of Peace as a viable possibility of therapeutic resource in coping with school dropout in individuals from public schools living in territories of social vulnerability. Theoretical concepts about learning problems and especially school dropout were pointed out, after this indicated the risk and protective factors that, in a broad perspective, are able to negatively or positively affect the individual's development, whether physical, mental, social and pedagogical. When a process based on the Pedagogy of listening begins, it uses empathy, an effect that recognizes and values the potentials of children and adolescents in the school context, resilience is stimulated, which supports coping with the problem evasion School. For this reason psychopedagogue needs to exist and be present to assist individuals with this need. As seen in this bibliographic review, many texts that were stick.

Keywords: School dropout, Vulnerability, Culture of peace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. - A escola contemporânea e o fracasso escolar	3
2. Fatores de risco e seus impactos no desenvolvimento do fracasso escolar.....	7
3. - Aspectos de proteção enquanto recursos de manutenção da resiliência no enfrentamento do problema de aprendizagem.....	12
4. - Cultura de Paz enquanto instrumento psicopedagógico terapêutico e competência Socioemocional.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de revisão bibliográfica na área de conhecimento da Psicopedagogia foi formulada a partir de uma crença na existência da necessidade de pensar em novas possibilidades de atuação do profissional psicopedagogo em relação às características relacionadas ao fracasso escolar em territórios vulneráveis, nos quais as situações de violência estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes.

Neste sentido, foram explanados conceitos de aprendizagens, para tal o destaque foi: Bossa (2002), Pain (1986) e Fernandez (1990). Discurso sobre os efeitos de um mundo globalizado no qual as escolas ficam alienadas a este processo, pois não conseguem lidar com a responsabilidade propostas, sendo assim, alunos, em especial de escolas públicas, apresentam insatisfação e desinteresse, sem contar em regiões nas quais a distribuição do conhecimento é precária, e os educandos ficam desprovidos de acesso pluralizado, estímulos satisfatórios, promovendo então a falta de interesse, a violência intra e extra familiar, e principalmente as questões sociais que também pesam.

Neste contexto fatores de risco foram expostos, estes que em grande escala corroboram negativamente com a adesão do aluno no contexto escolar. Associada a precariedade social dos grandes centros urbanos, estão a vulnerabilidade, a marginalização de crianças e adolescentes. Assim, de acordo com a literatura, os fatores de risco dificultam o desenvolvimento saudável, por meio da produção de contextos onde há desorganização, constrangimento, reprovação, preconceito, tristeza, bullying, pensamento suicida, insegurança, dependência química. Por estas causas o fracasso escolar é entendido por ser multifatorial.

Em contrapartida, deve-se observar também os fatores de proteção, que desempenham com relevância o fortalecimento do indivíduo na aprendizagem. Eles atuam nas esferas individuais, familiares ou relacionadas a rede de apoio do indivíduo e necessitam ser promovidos através de incentivo, valorização, reconhecimento de atitudes e comportamentos apresentados pelas crianças e adolescentes que vivem, em especial, nos territórios vulneráveis. Por vezes, o contínuo enfrentamento que o indivíduo têm de realizar em seu contexto destrutivo faz-se desenvolver novas habilidades e capacidades, denominadas de resiliência. Pois em alguns casos a autonomia, a socialização, a construção de conhecimento e a disponibilidade afetiva

podem ser dinamizadas pelo psicopedagogo e o aprendiz poderá fazer manejo de experiências escolares desagradáveis e dar significado ao saber criativo e positivo.

Pois bem, em minha experiência profissional da rede pública de São Paulo, vi a importância da existência do psicopedagogo na vida destas crianças e adolescentes. De perto, pude observar os prejuízos acadêmicos, dentre eles o fracasso escolar. Trabalhei em um projeto social no Jardim Ângela, (bairro localizado na Zona Sul de São Paulo, caracterizado por altos índices de vulnerabilidade social e situações de violência), chamado CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio aos Filhos de Dependentes Químicos), que atendia crianças e adolescentes que conviviam com familiar dependente químico, e muitos deles tinham dificuldade de aprendizagem.

Atualmente, 13 anos depois, presencio a grande quantidade de crianças e adolescentes que são encaminhados para os postos de saúde com queixa escolar. E o fato é que não há profissional específico para atender a necessidade escolar destes alunos, pois ainda hoje não há psicopedagogo na rede pública de saúde, nem na Educação, assim fica como que em território desconhecido no limbo, situação esta que torna cada vez mais crônica a situação.

De qualquer forma acredito no potencial transformador que o psicopedagogo é capaz, e da Cultura de Paz enquanto recurso terapêutico e de competência socioemocional viável no enfrentamento da evasão escolar em indivíduos que vivem em territórios de vulnerabilidade, escrevo esta monografia, apoiada na pedagogia da escuta dando origem a importância do manifesto do outro, na educação para a paz com o exercício da empatia e o uso da comunicação enquanto instrumento transformador positivo dos conflitos e no engajamento da resolução construtiva dos problemas.

1. A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E O FRACASSO ESCOLAR

No presente capítulo, serão discutidas as questões relacionadas aos conceitos de aprendizagem baseadas nas ideias de alguns teóricos da aprendizagem, tais como Bossa (2002), Pain (1986), e Fernandez (1990), bem como estes conceitos podem ser aplicados no modelo de configuração de aprendizagem das escolas atuais.

Em um mundo globalizado, transformações que ocorrem simultânea e aceleradamente fazem com que as escolas atuais não consigam responder às demandas da sociedade, pois a velocidade dessas transformações não é a mesma velocidade da evolução da escola. Esse descompasso entre a escola e a sociedade é o fator que pode desencadear o processo de exclusão sobretudo, quando a forma de distribuição do conhecimento é desigual no qual algumas pessoas são privilegiadas de conhecimento e outras tem o acesso restrito ou precário ao conhecimento segundo Travi (2009, p 426).

Bossa (2002) apud TRAVI, Marilene, Oliveira & Santos (2009 p 426), na perspectiva psicopedagógica, aponta que “a escola se torna cada vez mais palco de fracasso e de formação precária”, e que a distribuição irregular do acesso ao conhecimento torna o Brasil em um país com problemas crônicos em seu sistema educacional.

O fracasso escolar, no ponto de vista de Travi (2009, p 426), têm sido mais recorrente nos dias de hoje, e a escola contemporânea tem visto cada vez mais a necessidade de diferenciar, assim chegando transformações que mudam paradigma nas concepções de escola e ensino aprendizagem.

Quando em geral aborda-se fracasso escolar este nos faz lembrar problemas de aprendizagem. E esta forma de pensar remete ao conceito de Fernandez (1990) apud TRAVI, Marilene, Oliveira & Santos (2009 p 426) que aponta que os problemas de aprendizagem se apresentam em dois tipos: o reativo e o sintoma. O problema de aprendizagem como sintoma é aquele que necessita de tratamento clínico, e o reativo é aquele que corresponde a reação das modalidades de ensino.

Na perspectiva abordada anteriormente, parece que a escola não consegue lidar com as responsabilidades que lhe são propostas. Dessa forma, não é difícil encontrar professores angustiados que se veem oprimidos na relação com os

alunos; esse é um grande desafio porque se nota que a escola tenta se reorganizar, mas o grande número de crianças e jovens com dificuldade de aprendizagem faz com que esta repense seu seu papel e sua função.

Dessa forma, Pain (1986) apud TRAVI, Marilene, Oliveira &Santos (2009 p 426) assinala um fator importante, pois para a autora a educação pode alienar ou libertar um indivíduo dependendo de como ela é utilizada, sendo também um fato preocupante. Nesta perspectiva, pode-se considerar que a escola como uma produtora ou reproduutora desse problema de aprendizagem.

Fernandez (1990) corrobora com Pain (1986) apud TRAVI, Marilene, Oliveira &Santos (2009 p 426) quando indica que “uma sociedade enferma e causadora de enfermidades que provoca oligotimia social e grande parte dos transtornos de aprendizagem reativos” (p). Essa visão traz, como é apontado nessa pesquisa, clara a distorção do espaço escolar que poderia ser utilizado enquanto um espaço de formação de indivíduos críticos, mas que pode se tornar um ambiente no qual todo estímulo e inteligência fique privado gerando a exclusão, onde a baixa resposta da afetividade prevalece.

Nesta mesma temática, Douto (1990) apud TRAVI, Marilene, Oliveira &Santos (2009 p 430) também contribui e traz outros fatores de causa para o fracasso escolar. Assim aponta “três ordens: a sociológica a psicológica e a pedagógica” que embora sejam fatores de independência mútua, são características que precisam ter um olhar mais amplo, pois é a forma com que ele se relaciona com o fracasso escolar, na qual o trabalho entre os três setores precisa ser articulado e diferenciado, onde a concepção de sujeito e instituição também precisam ser definidas, pois são integrantes sem desconsiderar a particularidade de cada um.

Costa (2006) apud TRAVI, Marilene, Oliveira &Santos (2009 p 427) considera que a escola do século XXI já traz a contribuição de diferentes profissionais que tentam buscar caminhos para uma instituição que garanta a formação cultural e científica para a sociedade e os indivíduos.

A escola ainda tem um papel de referência para uma sociedade, nela ainda se projetam expectativas em relação ao futuro do sujeito, onde este mesmo sujeito começa a estabelecer vínculos sociais que vão para além da escola e família. O processo de transformações sociais podem ser considerado a partir das novas concepções de família, pois existe um ciclo de transformações que devemos levar em consideração. Atualmente as famílias também estão se transformando e

assumindo novas configurações, infelizmente num declínio dos exercícios de função parental, sendo assim é depositada na escola uma expectativa que até então estava delegada à família sobre responsabilidade e cultura. Beyer (2005)

Sendo assim, Beyer (2005) apud TRAVI, Marilene, Oliveira & Santos (2009 p 427) complementa que esse repasse de responsabilidade faz com que as crianças cheguem à escola com perdas significativas na vontade de aprender, e são essas crianças que apresentarão o problema de aprendizagem considerado como um sintoma. A escola, por sua vez, precisa de um novo dimensionamento de práticas e processos para tentar acompanhar e ao mesmo tempo dar conta de atender a esta demanda e todas as outras.

Beyer (2005) apud TRAVI, Marilene, Oliveira & Santos (2009 p 427) ainda aponta que escola contemporânea está defasada e não atende a todos, e o autor complementa que a instituição referida sempre esteve no lugar de poder social, onde o acesso era favorecido àqueles que eram abastados, assim, uma classe privilegiada.

Ainda destaca Beyer (2005) apud TRAVI, Marilene, Oliveira & Santos (2009 p 427-428) que na história da educação formal ou escolar nunca houve uma escola que recebesse todas as crianças; as escolas sempre se serviram de algum tipo de seleção. Todas elas foram, cada uma a sua maneira, escolas especiais, isto é, escolas para crianças selecionadas. As escolas de filosofia da antiguidade, os mosteiros da Idade Média, as escolas de filosofia da Renascença – todas foram escolas especiais para crianças especiais, que acolhem não todas as crianças, porém apenas algumas delas (obviamente, aquelas cujas famílias têm condições financeiras privilegiadas para bancar seus estudos).

Em contrapartida temos a declaração da UNESCO (1994, p.428) onde cobra uma educação diferenciada, que seja inclusiva, e isso teve um impacto social no qual cobra tanto da escola quanto da sociedade um novo pensar sobre educação respeitando as diferenças. Para isso é necessário uma nova organização da escola para assegurar o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos independente das configurações familiares e independente da condição socioeconômica.

Pott (2018, p360), destaca que:

“o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as dificuldades de aprendizagem não excluem de modo algum a existência de deficiências e

doenças que afetam o desenvolvimento cognitivo do sujeito e limita o seu processo de aprendizagem".

Este considera a necessidade de pensar o desenvolvimento humano não pela sua falta ou deficiência e sim pela suas possibilidades ou potencialidades.

Frente a tudo isso, no olhar desta pesquisa, quem recebe o maior impacto onde gera o maior sofrimento é o professor que está na linha de frente e precisa se adaptar com o intuito de atender às necessidades que vão desde aprendizagem ao relacionamento interpessoal desses alunos

Nesse sentido, aponta Travi (2009, p.429,432), a necessidade da articulação entre os três conhecimentos que seriam: a Pedagogia, a Psicanálise e a Psicopedagogia. Estes trazem subsídios importantes para implementação de uma escola verdadeiramente inclusiva, e sobretudo, que busque a não reprodução do fracasso escola.

Articulação seria de acordo com a contribuição de cada especialidade, assim, a Psicanálise desenvolve nos campos da subjetividade e dos modos subjetivação e de relação com o outro. A Pedagogia trabalharia no campo do currículo do método e da avaliação, e a Psicopedagogia no campo da aprendizagem humana tendo como o foco o estudo do aprender e não aprender, resignificando as relações do sujeito com as mais diversas aprendizagens. Esta articulação de saberes quando juntos, são uma ferramenta que potencializa os benefícios da escola e da sociedade como um todo.

Travi (2009, p.432-433) aponta que quando há um sistema rígido escolar sem flexibilidade e adaptações individuais certamente podemos nos deparar com o fracasso escolar. Somado a ele, tem o posicionamento não acreditador das reais possibilidades e capacidades do indivíduo pela família, que não levou em consideração a individualidade no processo de aprendizagem.

O fracasso escolar pode decorrer de vários fatores, tais como: descompasso da globalização escolar quando nos deparamos com o acesso às informações de forma desigual nas sociedades; em outra situação modelos de ensino rígido sem levar em consideração a individualidade do sujeito, situações provedoras diferenciadas de estímulo fazem com que os professores tenham que adaptar o ensino diferenciado e esta nova metodologia de ensino pode ser apoiada com outras especialidades, como a Psicanálise, Pedagogia e Psicopedagogia.

2. FATORES DE RISCO E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DO FRACASSO ESCOLAR

Discorremos sobre a influência dos fatores de risco no processo de ensino e aprendizagem. Frente a desigualdade socioeconômica e geográfica da cidade, existentes em lugares mais afastados dos Centros das cidades, nos quais o acesso a aprendizagem é pouco favorável, devido a outros índices que estão acima nas estatísticas, dentre eles a vulnerabilidade e situações de violência.

Segundo a minha experiência profissional em atuação na rede pública de Saúde de São Paulo, uma das populações grandemente afetadas por problema de aprendizagem são aquelas que já tiveram ou estão em situação de conflito com a lei, e que são assistidas por serviços sociais de atenção especializada, em especial a população adolescente.

Sabemos que a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, preconiza que os serviços que atendem adolescentes de liberdade assistida e medida sócio educativa previsto pelo ECA, atendem os jovens em conflito com a lei por um período mínimo de seis meses onde acompanham, orientam, auxiliam, por meio de um orientador social do município onde o jovem reside. Este orientador tem dentre suas responsabilidades desenvolver a promoção social do jovem e sua família, supervisionar a frequência e aproveitamento escolar dos jovens por eles atendidos, estimular a matrícula escolar e investir no auxílio da profissionalização e inserção do jovem no mercado de trabalho, além da elaboração de relatórios do caso aos órgãos cabíveis.

Embora a escola tenha esta relevância para o ECA e as medidas sócio educativas, existem poucos estudos sobre a população de adolescentes inseridos em serviços de medida sócio educativa, em contrapartida o resultado destes estudos apontam altos níveis de evasão escolar presente nesta população, por Paula, Carvalho, Croque, & Souza (2017). apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES & ROSA (2018, p.3)

Dentre os problemas apresentados se destacam aspectos escolares negativos como baixa escolaridade, históricos de expulsões, repetências e comportamentos destrutivos Gallo & Willians (2008) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES & ROSA (2018, p.3).

Tenho observado que a questão estrutural pode ser um estímulo, além de objeto motivacional para o sucesso da aprendizagem, porém a educação básica pública no país pode não contar sempre com um ambiente favorável e com uma boa estrutura e estes fatores consequentemente tem contribuído para um menor desempenho acadêmico dos alunos.

Em sua pesquisa Cruz & Felgueiras (2013) e Marques (2016) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES &ROSA (2018, p.7) identificam alguns resultados sobre a trajetória escolar e conseguem apresentar a relevância da interação na escola com os adolescentes a importância do estabelecimento de relacionamento positivo sendo um benefício da escola importante. Outra situação seriam os rituais de passagem, eles podem ser eventos que legitimam o lugar da pessoa no grupo, motivados por celebração da vida, como celebração de formatura, na qual concretiza o progresso escolar do sujeito e renova suas expectativas sociais e valores coletivos.

Sobre o aspecto da escola em si do ponto de vista estrutural foram descritos os defeitos da escola do ponto de vista de estrutura de mau comportamento dos alunos e que não necessariamente estar num lugar assim proporciona o prazer em estudar. Pode acrescentar que uma escola na qual a estrutura se apresenta de forma organizada, equipada e limpa, isso também é positivo satisfatório tanto para os profissionais que nela trabalham quanto os alunos. Daí a importância de ser considerado o prazer de estudar e a diversão no ambiente escolar sugerido por ações escolares que promovam o aluno a estudar, segundo Mendes (2013) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES &ROSA (2018, p.7).

O preconceito é um possível sentimento apresentado por jovens menores infratores, visto que podem ficar em evidência perante aos demais outros jovens quando se diz respeito a alguma injustiça ocorrida na escola, como uma expulsão, por exemplo, motivada por desafetos. As brigas e as agressões pode ser entendidas como rotina por conta de conflitos anteriores ou xingamentos assim esses relatos de briga acabam demonstrando a naturalização da violência como recurso para resolução de problemas pessoais e que estariam associados à vivência e violência doméstica. Pode-se considerar também que esse modo agressivo de se relacionar pode ter aprendido por meio da relação eles mesmos na escola, Gallo (2008) e Silva (2015) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES &ROSA (2018, p.8-9).

A escola também pode ser um ambiente provedor de experiências negativas vivenciadas por adolescentes em evasão escolar, tais como: incômodo, a humilhação, o constrangimento, reprovação e preconceito. E, que de modo geral, as escolas não possuem recursos de enfrentamento eficaz para lidar com estas experiências de comportamento destrutivos apresentados pelos alunos Bazon, Silva, & Ferrari (2013) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES & ROSA (2018, p.8)

O estudo aponta o desamparo vivido pelos adolescentes frente às experiências negativas, em que nem sempre houve uma intervenção eficaz de um adulto, suporte familiar ou recursos pessoais, estes que são fatores de proteção importante para ocorrência de processos de resiliência. Outro fator é que a presença de aspectos positivos na vida dos adolescentes esteja relacionada às experiências de vivências negativas apresentadas na escola. Sabemos que poucas experiências de resolução de problemas enfrentadas por sujeitos em situação de evasão escolar demonstra a privação de fatores de proteção notáveis para o desenvolvimento da resiliência, e consequentemente enfrentamentos na vida, Maia (2005) apud PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES & ROSA (2018, p.9).

Na busca de melhor compreensão dos problemas de aprendizagem, podemos considerar alguns pontos apresentados por Vygotsky (1991, 2001, 2007) apud POTT, Eveline (2018, p.358) onde refere que a aprendizagem se dá como a capacidade humana de aprender uma realidade material e simbólica ao longo da vida em um processo contínuo e na interação do sujeito com o contexto ao qual ele está inserido.

Desta forma, a partir do momento que o sujeito já não consegue lidar com sua realidade, ele vivencia fases de crise, de sentimentos desagradáveis e negativos, se deparando com o seu “não saber” e a partir disto com a falta e a dificuldade de compreensão, ele se adapta ao meio.

De certa forma é importante destacar que aprender é trabalhoso exige um esforço. Sendo assim, a dificuldade de aprendizagem é esperada para o sujeito de qualquer forma essa dificuldade promove pensamento e funções psicológicas.

Vygotsky (1991, 2001, 2007) apud POTT, Eveline (2018, p.358) também aponta que a linguagem é um dos principais instrumentos da aprendizagem, pois é por meio da fala que os valores e crenças são construídas pelo sujeito, e esta fala é criada e faz parte da cultura ao qual o sujeito está inserido.

Na dificuldade de aprendizagem é imprescindível analisar o contexto no qual o sujeito está inserido, pois é por intermédio deste contexto que o processo de aprendizagem ocorre, daí a importância de se levar em consideração o ambiente escolar, a relação familiar, o conceito aprendido e o aluno.

Ao enfrentarmos a evasão escolar é necessário que haja estímulos multifatoriais: o estudante, a família, a escola e as políticas públicas de um país, ou seja, investimento complexo. Para que o desenvolvimento de recurso pessoal do aluno seja atingido, a família pode contribuir mediando as dificuldades na escola e estabelecendo o estilo parentais positivos. PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES &ROSA (2018, p 12).

A escola, por sua vez, pode intervir de maneira eficaz nos conflitos interpessoais que ocorrem lá dentro do seu espaço, promovendo a motivação dos alunos a estudar e apontando os benefícios da escola, da aprendizagem, relacionado a oportunidades profissionais; as interações positivas dentro desta, considerando momentos importantes de passagens rituais do aluno no contexto escolar, sem contar a organização dessa estrutura escolar voltada para a higiene e organização. PIAZZAROLLO, Dominique, FERNANDES &ROSA (2018, p.12).

O termo vulnerabilidade surgiu na década de 90, originado do latim *vulnus* que significa "ferida". Não há como evitar a experiência de eventos negativos ao longo do desenvolvimento. Contudo, há pessoas que estão mais suscetíveis à vulnerabilidade social do que outras, Yunes & Szymanski (2001). apud HAACK, Karla (2012, p. 272)

Sendo assim, são considerados fatores de risco os eventos que dificultam o desenvolvimento saudável. Estar exposto a situações de violência, rupturas na dinâmica familiar, baixo nível sócio-econômico comparado ao número de integrantes da família, baixa escolaridade, catástrofes urbanas, ataques terroristas, assassinato, podem aumentar a vulnerabilidade gerando resultados negativos no desenvolvimento Pesce (2004); Oliveira, Reis, Zanelato, & Neme, (2008). apud HAACK, Karla (2012, p. 273)

Na minha percepção fica praticamente impossível não considerar o contexto ao qual o indivíduo está inserido, de situação de violência, empobrecimento de estímulos, baixa renda, famílias com inúmeras configurações parentais, e que todo o processo de ensino aprendizagem seja adaptado a esta realidade, considerando a

individualidade do sujeito, ainda sabendo do contexto vulnerável e os possíveis danos causados por este fator em especial o desenvolvimento socioemocional.

3. ASPECTOS DE PROTEÇÃO ENQUANTO RECURSOS DE MANUTENÇÃO DA RESILIÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA DE APRENDIZAGEM

Neste capítulo serão abordadas as contribuições dos fatores de proteção enquanto agentes de fortalecimento do indivíduo na aprendizagem. São fatores que não demonstram sua relevância nos processos de aprendizados, mas no desenvolvimento humano.

Estes fatores podem ser classificados em três subgrupos, de acordo com Brooks (1994), Pesce (2004); Yunes & Szymanski,(2001) apud HAACK, Karla (2012, p. 273): Os **individuais**, compreendidos como autocontrole, boa autoestima, expectativa de futuro, tolerância ao sofrimento, habilidades para resolver problemas, assertividade, estabilidade emocional, autonomia, flexibilidade e afetuosidade; os **familiares** entendidos como a coesão, boa comunicação, afetividade, consistência, qualidade nas interações, estabilidade, respeito mútuo, apoio/suporte; e por último aos relacionados a **rede de apoio**, que atuam como moderadores do desenvolvimento, por exemplo, o bom relacionamento estabelecido com as pessoas que desempenham o papel de referência e ambiente tolerante aos conflitos.

Podemos citar Brito & Koller (1999) apud HAACK, Karla (2012, p. 274) no qual relatam sobre o perigo da vulnerabilidade existente na fase da adolescência, quando estão na fase de desenvolvimento biopsicossocial, e daí a importância de estarem inseridos em uma dinâmica familiar coesa, livre de conflitos e com suporte social e afetivo, para desenvolvimento de características individuais como auto estima e autonomia. E quando este suporte é defasado, podem ser instaladas doenças e sintomas psicopatológicos.

A Psicologia traz o tema da resiliência em meados da década de 1990, e relaciona o termo ao processo de adaptação ou superação do indivíduo frente a um agente estressor, desta forma existe a possibilidade do indivíduo estar em meio a um ambiente desadaptativo e não ser afetado por ele, desenvolvendo então resposta de enfrentamento própria, aponta Junqueira & Deslandes (2003) apud HAACK, Karla (2012, p. 273)

Rutter, (1987) apud HAACK, Karla (2012, p. 273) descreve que

“nas ciências humanas, o termo é compreendido como sendo um conjunto de processos intrapsíquicos e sociais que favorecem um desenvolvimento saudável, mesmo que o indivíduo esteja inserido num ambiente desadaptativo.” (p. 273)

O ser humano precisa aprender o manejo de estratégias de sobrevivência, e isto lhes torna seres resilientes frente a vida, tal característica nos diferencia dos outros animais. Ao desenvolvemos tais habilidades acabamos por aprender a autonomia, a socialização, a construção de conhecimentos que são estimulados, assim como a disponibilidade afetiva do saber abrangido pela psicopedagogia, já apontava Scorz (1992) apud MONTEIRO, Cristina (2016, p.30).

.A autora refere ainda que o objetivo dos psicopedagogos é buscar entender a origem da dificuldade de aprendizagem e de que maneira o indivíduo processa a aprendizagem e quais recursos estão envolvidos neste processo. Além de tornar o sujeito aprendiz em evidência nos processos de aprendizagem escolar e nas demais vivências.

Este trabalho consiste em identificar as potencialidades do indivíduo e aumentar a concentração nestas características. Com isso o indivíduo poderá fazer o manejo de crenças anteriores e ser capaz de produzir a modelagem no qual poderá se reinventar e promover a conquista de novos comportamentos que visam a melhora no relacionamento intra e interpessoal, e em outros aspectos além do processo de aprendizagem, conforme descreve Monteiro (2016, p.32-33).

Sendo assim, durante o processo do desenvolvimento humano, percebe-se que existe aprendizagem que devem ser consideradas além da escolar, que são as do ambiente no qual o indivíduo está inserido. E, tais habilidades são capazes de interferir na formação pessoal onde são desenvolvidas crenças disfuncionais que influenciam o relacionamento intra e interpessoais. Daí a importância dos estímulos saudáveis e positivos que promovem inclusive o afeto.

A cultura de paz pode ser introduzida como uma ferramenta de acessibilidade àqueles que por algum motivo necessitem de estímulo e incentivo enquanto recurso psicopedagógico no enfrentamento da evasão escolar, no próximo capítulo apresento-lhes uma discussão bem interessante nesta temática.

4. CULTURA DE PAZ ENQUANTO INSTRUMENTO PSICOPEDAGÓGICO TERAPÊUTICO E COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL

O presente capítulo vem discutir sobre práticas alternativas de programas de aprendizagem socioemocional enquanto cuidado terapêutico possível dentro da Psicopedagogia e elege a Cultura de Paz enquanto instrumento psicopedagógico em territórios vulneráveis no enfrentamento da evasão escolar.

Discutimos no segundo capítulo sobre violências sofridas por jovens e no levantamento das três últimas edições, anos 2009, 2012 e 2015, da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) a autora PINTO (2018 p.1) identificou alerta para necessidade de planejamento e implementação de políticas públicas que contribuíssem para a prevenção da violência, promoção de saúde e cultura de paz, visto que cientificamente houve o aumento da prevalência da violência onde os escolares deveriam estar seguros e o incentivo de estímulos saudáveis para seu desenvolvimento, como nas residências e na escola, porém a vitimização infelizmente ocorre de forma significativa e predominante.

Engajado neste contexto, PINTO (2018 p.8) traz algumas perspectivas, dentre elas: OMS (2015), Salas (2017), Deslandes (1994) & Souza (2006), nos quais este fator de aumento de adolescentes vítimas de violência denota a vulnerabilidade na qual o grupo se encontra, e isso faz pensar na necessidade de cuidados contínuos para o desenvolvimento saudável, já que a violação dos direitos desta população atinge direta ou indiretamente a saúde física e mental, impactando também o desempenho educacional, família e amigos.

Partindo para discussões voltadas para territórios vulneráveis, Silva (2018, p. 2914) realizou uma pesquisa na qual quis conhecer a autopercepção negativa em saúde e os comportamentos de violência dos adolescentes, e percebeu que sentimentos de tristeza, pensamento suicida, bullying escolar, insegurança na escola e furto na escola permeiam dentre estes adolescentes e contribuem para a autopercepção negativa em saúde perante a eles.

No ano de 2009 participei da confecção do livro “Família e Dependência Química: uma experiência de prevenção com crianças e adolescentes no Jardim Ângela”. Bairro este localizado na Zona Sul de São Paulo, que já teve destaque mundial por ser o bairro mais violento do mundo pela Organização das Nações Unidas no ano de 1996. Nesta ocasião observamos que o empobrecimento de rede

de apoio de serviços de educação, cultura, saúde e lazer no território contribuem para a exposição de crianças e adolescentes a violências e demais vulnerabilidades.

Ainda neste contexto específico de crianças e adolescentes filhos de dependentes químicos, sob o ponto de vista da aprendizagem, Furtado (2002), Moss (1995), Sher (1991) & Sher (1997) apud BATISTA, Camila (2009 p. 85) referem que estes apresentam desempenho menor em testes que medem cognição e habilidades verbais, pois apresentam prejuízos na capacidade de expressão o que pode declinar a eficiência escolar e em testes de inteligência, e outros prejuízos também como empobrecimento nos relacionamentos e desenvolvimento de problemas comportamentais.

Galtung (2016) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019 p. 282), tem realizado estudos sobre teorias e desenvolvimento de conflito e estudos para a paz, com o intuito de identificar os significados de tais conflitos, e viu-se que o conflito está relacionado à crise e a oportunidade, ou seja, um fato já esperado e permanente em humanos. Essa identificação traz aspectos que são incompatíveis entre si, tais como: a criatividade, a empatia e a não violência; e reforça que um conflito não pode ser resolvido se não for entendido de forma integral.

Estudado também por Calderon (2009) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019 p. 282), referente a teoria do conflito que é desenvolvida nas esferas pessoais, interpessoais e institucionais, trazendo consigo o desenvolvimento de atitudes, comportamentos e contradições nas pessoas que se não forem modificadas tendem a prejudicar o indivíduo.

Ainda sobre o ponto de vista de Calderon (2009) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019 p. 282) a violência pode ser observada como uma sequência transformadora de fracassos em conflitos sucessivos, daí a necessidade de uma relação entre a teoria do conflito e a teoria da violência porque dificilmente não há uma violência sem o conflito pois apresenta danos com impactos na violência direta estrutural e cultural .

Desta forma, Galtung (2016) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019 p. 282) propõe o modelo de *transcender* como o método de diagnóstico prognóstico e terapia que permite transformar os conflitos por meio do ensino da empatia para reduzir atitudes de violência e tornar mais sutil os comportamentos e utilizar da criatividade no intuito de superar as contradições em todos os níveis sociais, e posteriormente alcançar o desenvolvimento de uma paz positiva mundial.

Darendorf (1957) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019 p. 284) refere que a educação para a paz é uma possibilidade do caminho de interação interpessoal e intergrupal por meio da empatia, da não violência e da criatividade com o intuito de que nada estimule a agressividade. Sabendo que os conflitos são uma parte natural das relações humanas e as diferentes posições que os indivíduos têm em relação ao objeto específico viu-se a comunicação enquanto instrumento transformador positivo dos conflitos, capaz de tornar amigáveis as partes nele inseridas. Desta forma, uma comunicação eficaz pode entender qual é a motivação do conflito observando os interesses e as necessidades das partes nele envolvida em prol da resolução construtiva do problema.

Para Alvarez-Maestre (2019) é essencial desenvolver uma "teoria sistemática da paz", e por meio desta, a educação para a paz possa "estruturar" e identificar os elementos de paz positiva e negativa existentes no mundo físico e digital e, em seguida, passar para "neutralizarlos" por intermédio de ações pedagógicas transformadoras, baseadas em diálogo, crítica, empatia, solidariedade e cooperação. Isso, sem cair no erro fundamental de pensar que como uma ciência "imperfeita", essas estruturas definidas podem se tornar modificáveis, dada a dinâmica da realidade. Uma sociedade em que, mediante ações pedagógicas, ensinamos as crianças a neutralizar e transformar positivamente os conflitos que surgem naturalmente na realidade física ou virtual".

Em tempos em que os interesses individuais estão em evidência, considerando os prazeres físicos e materiais, Norgren (2011, p.19-20) traz uma reflexão em relação a valorização do ter em detrimento do ser, e consequentemente a indiferença às necessidades e sofrimentos do outro.

A autora ainda provoca e aprofunda a reflexão, quando aponta que é necessária a mudança nos contextos político e educacional e em níveis macro e micro sociais, onde os valores, funções e papéis, dos meios de comunicação, das escolas, e famílias, devem ser rediscutidos com o intuito de desenvolver e lapidar o acompanhamento oferecido aos indivíduos, em especial àqueles que apresentam instabilidade e sofrimento emocional decorrentes da exposição a fatores de risco.

Para Norgren (2011 p.20) é preciso atitude de enfrentamento da violência por toda a sociedade, em casa, nas escolas e nas ruas, com a intenção de coibir esta, preservando o jovem em formação e auxiliando-os a enfrentar riscos.

A Unesco define "Cultura de Paz", como:

“conjunto de valores, atitudes e comportamentos que traduzem o respeito à vida, à pessoa humana, à sua dignidade e a todos os direitos do homem, bem como rejeição da violência sob todas as formas e o comprometimento com os princípios de liberdade, justiça, solidariedade, tolerância, direitos do homem e compreensão tanto entre as pessoas, quanto entre os grupos e indivíduos.” Unesco (1989, p. 53.).

Existe uma relação considerável entre competência social, acadêmica e qualidade de vida em programas de desenvolvimento de competências socioemocionais, na qual se refere à característica ou habilidade de interação e adaptação, desenvolvida por meio da aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades, sentimentos e comportamentos segundo Zins & Elias, (2006); Cecconello & Koller, (2000). apud NORGREN, Maria (2011, p.20-21).

Masten & Coatsworth,(1998) e Rutter,(1985) apud NORGREN, Maria (2011, p.21) descrevem sobre uma experiência dos jovens que antecipadamente aprendem ao lidar com situações difíceis, nas quais são exigidos o exercício de adaptar suas necessidades e desejos aos dos outros, a perceber quando é possível ceder e quando deve se permanecer firme; permite desenvolver a sociabilidade e a intimidade, adquirir senso de afiliação, de identidade, habilidades de liderança, comunicação e cooperação e o quanto estes conhecimentos adquiridos nas experiências favorecem no desenvolvimento do processo da resiliência.

Na construção de programas de aprendizagem socioemocional, Durlak & Weissberg (2007) apud NORGREN, Maria (2011, p.21) aponta que é preciso que este atue no autoconhecimento, onde o indivíduo perceba suas necessidade e as necessidades dos outros; processo de maturidade emocional associado ao discernimento e responsabilidade das emoções; tomada de decisão responsável, entendido enquanto o empoderamento consciente de uma escolha; habilidades de relacionamento, que podem ser desenvolvidas recorrendo a observação do outro, ao menos por um interesse no outro; consciência social, relacionada ao estar presente e pensar no outro assim como pensa em você; e a auto-regulação, que está relacionada à satisfação das necessidades básicas.

No cenário da abordagem teórica do imaginário social da paz, colombiana Alvarez-Maestre (2019, p.290) estudou sobre teorias de paz, conflito social, imaginário social, educação e educação para paz, e pode perceber que:

educar para a paz significa proporcionar a humanidade um processo de transferência, reprodução, produção e apropriação de conhecimento adaptado aos padrões de comportamento socialmente reconhecidos,

normas e valores da sociedade, de modo que a transformação positiva do ser humano em termos de conscientização de sua realidade e importância que isso desempenha como conflito estrutural no desenvolvimento de sua vida (p. 290)

Posto isso, a autora estabelece que, os conflitos podem gerar atos agressivos, centralizados e estruturados em níveis interpessoais ou intergrupais. E ensinar em uma cultura de paz significaria transferir conhecimentos através de valores como a empatia, não violência e criatividade, com a intenção de evitar que conflitos terminassem em agressões.

A visão de Cowan (1996) consta na importância do desenvolvimento de padrões saudáveis e adaptados que proporcionam padrões seguros de comunicação, apego seguro, criatividade, competência social e emocional, qualidade de vida, família, coesão, consenso e articulação saudável entre seus pares.

E em observação otimista, Norgren (2011, p.23), relaciona que enquanto agentes de transformação, educadores e profissionais de saúde podem enriquecer a permanência dos alunos e o convívio social destes, com estímulo de relacionamentos positivos e incentivo de projeto de vida, viabilizando fatores de proteção e estimulando processos de resiliência, apoiando-os a dar voz a seus desejos, enfrentamento de seus problemas e lidando com exigências e desafios acadêmicos, com a finalidade da evitação da permanência na vulnerabilidade e situação de risco.

A riqueza da educação para a paz para Alvarez-Maestre (2019) se dá quando por através de intervenções pedagógicas os indivíduos são ensinados a neutralizar e transformar positivamente os conflitos que se deparam, sejam em realidades físicas ou virtuais.

Um ponto alto destacado pelos autores Argos, Ezquerra & Castro (2011) apud VEGA, Sara (2018, p.64) é a pedagogia da escuta, que é pautada em métodos que alteram a forma de como os alunos se relacionam e dialogam dando origem a importância ao manifesto do outro.

A escuta ativa é capaz de realizar transformações e aproxima os indivíduos pois segundo Torrego (2001) apud VEGA, Sara (2018, p.65) o outro se sente estimado e benquisto.

Sendo assim, no meu ponto de vista, a Cultura de Paz pode ser um recurso viável para agregar conhecimentos, valores, construções de valores e apoio

socioemocional provedor do processo de ensino e aprendizagem, pois estimula relações inter e intrapessoais capazes de provocar reflexões nos indivíduos e ressaltar suas potencialidades, na qual até de maneira lúdica agrupa os indivíduos evitando a evasão escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo apresentar a Cultura de Paz como uma possibilidade viável de recurso terapêutico no enfrentamento da evasão escolar em indivíduos de escolas públicas que vivem em territórios de vulnerabilidade social que apresentam situações de pobreza, rede de apoio deficitária nos setores de educação, cultura, saúde e lazer.

Deste cenário consequentemente encontramos uma criança ou adolescente fora da escola, principalmente quando estão expostos a situações de violência. Diante do exposto, a problemática discutida aqui numa pesquisa de revisão bibliográfica é a evasão escolar.

Apresento como justificativa inicial do tema, os conceitos teóricos do contexto escolar. Fizeram parte deste estudo os conhecimentos ofertados por Bossa (2002), Pain (1986) & Fernandez (1990), e de forma eles podem ser aplicados no cotidiano.

A escola tradicional não está no mesmo ritmo da globalização, com velocidades em descompasso, oferta de distribuição do conhecimento desigual, onde o Brasil vive problemas crônicos no sistema educacional. Este fator traz a lucidez teórica do Pain, na qual a escola pode produzir ou reproduzir o problema de aprendizagem, uma vez que os professores também apresentam angústias diárias e o grande número de alunos com problema de aprendizagem faz a escola pensar qual é o seu papel e função.

Beyer (2005) discute sobre a transferência da responsabilidade das famílias para as escolas, onde as crianças chegam na escola com perdas significativas na vontade de aprender, e que este seja um sintoma do não aprender e/ou não se interessar pela escola. E, ainda acrescenta que atualmente as famílias estão ocorrendo de novas configurações, geralmente num declínio dos exercícios parentais e é depositada na escola a expectativa que é delegada a família.

É nítida a abundância do conteúdo e estímulos entre diferentes tipos de escolas. Desde os tempos da Idade média já havia uma seleção de alunos, nos quais nem todos tinham acesso ao conhecimento e ao pensamento crítico. A escola sempre esteve no lugar de poder social, onde o acesso era favorecido àqueles que eram abastados, classe privilegiada. Beyer (2005)

A UNESCO (1994) realiza uma tentativa de uniformidade quando propõe uma educação diferenciada e inclusiva, que assegura a permanência e a aprendizagem de todos os alunos, sem distinção de configuração familiar e socioeconômica.

Compartilho da discussão de Travi (2009) ao propor a articulação dos saberes da Pedagogia, da Psicanálise e a Psicopedagogia. Onde juntas e de forma articulada potencializamos benefícios da escola e da sociedade que busque uma escola verdadeiramente inclusiva e, sobretudo não reproduzora do fracasso escolar além de mais flexível com capacidade de adaptação onde evidencia as reais capacidades do aluno.

Partindo de alguns dos possíveis fundamentos para a evasão escolar temos os fatores de risco presentes nos indivíduos, em especial os que estão em territórios vulneráveis, onde sofrem empobrecimentos em diversas ordens. Como ambiental, social, moradia, saúde, lazer, cultura, educacional. E que por vezes as necessidades básicas não estão suficientemente atendidas e ocorre a interrupção escolar por diversos fatores, dentre eles uma situação de violência produzida dentro ou fora da escola, por vezes reproduzida na família ou entre seus pares, que dificultam o desenvolvimento saudável.

É muito comum a presença de jovens infratores que residem e/ou tem famílias em territórios vulneráveis. Assim, como é frequente também esta população em especial não concluir seus estudos, e assim compondo a estatística da evasão escolar. De acordo com Gallo (2005) possuem baixa escolaridade, histórico de expulsões, repetências e comportamentos destrutivos.

Preconceito, brigas e agressões acabam demonstrando a naturalização da violência como recurso para resolução de problemas e também o modo agressivo de se relacionar pode ser entendido como um aprendizado natural, por Gallo (2008) & Silva (2015). Desta forma, a partir do momento que o sujeito já não consegue lidar com sua realidade ele vivencia fases de crise, de sentimentos desagradáveis, negativos, e se depara com o seu “não saber” e a partir daí com a falta e a dificuldade de compreensão, ele se adapta ao meio.

De certa forma, é importante destacar que aprender é trabalhoso exige um esforço. Sendo assim a dificuldade de aprendizagem é esperada para o sujeito de qualquer forma essa dificuldade promove pensamento e funções psicológicas.

Vygotsky (1991, 2001, 2007) destaca a linguagem como um dos principais recursos da aprendizagem, pois é através da fala que os valores e crenças são construídas pelo sujeito e essa fala é criada e faz parte da cultura ao qual o sujeito está inserido.

Não deixando o papel da escola de lado, mas entendo que a evasão escolar é multifatorial, podemos associar outra instância para juntas atuem no desenvolvimento de recurso pessoal do aluno, a família pode contribuir na mediação das dificuldades na escola e estabelecendo estilo parental positivo. As oportunidades, a motivação, o apontamento do benefício de se estudar, e passagens de rituais do aluno no contexto escolar aliado a organização escolar, fazem o diferencial na vida do aluno.

Ainda nesta perspectiva positiva, podemos apresentar da importância dos aspectos de proteção que literalmente “salvam” estes alunos e estimulam a resiliência e treinamento de habilidades positivas. Estes aspectos são divididos em três áreas – individuais (autoestima, autonomia, flexibilidade e afeto), familiares (coesão, consistência, boa comunicação, respeito), e rede de apoio (relacionamento intra e interpessoal).

Enquanto o ser humano tem o manejo de estratégia de sobrevivência, neste exercício desenvolvemos habilidades que são estimuladas, assim como a disponibilidade afetiva do saber abrangido na psicopedagogia por Scoz (1992)

Neste viés que há importância da atuação do psicopedagogo onde pode contribuir enquanto área de estudo e prática. Descrito também por Monteiro (2016) como um trabalho que consiste em identificar as potencialidades do indivíduo e aumentar a concentração nestas características. Com isso este poderá fazer o manejo de crenças anteriores e ser capaz de produzir a modelagem no qual poderá se reinventar e promover a conquista de novos comportamentos que visam melhora no relacionamento intra e interpessoal, e em outros aspectos além do processo de aprendizagem

Na minha experiência profissional percebo esta capacidade de modelagem de crenças, valores, conceitos através de estruturas chamadas habilidades nas quais são capazes de interferir na formação pessoal onde são desenvolvidas crenças disfuncionais que influenciam o relacionamento intra e interpessoais. Daí a importância dos estímulos saudáveis e positivos que promovam inclusive o afeto

Depois apontados os fatores de risco e de proteção que numa ampla perspectiva são capazes de afetar negativamente ou positivamente desenvolvimento do indivíduo, seja ele físico, mental, social e pedagógico. Quando inicia-se um processo pautado na pedagogia da escuta, fazendo uso da empatia, valorizando, reconhecendo os potenciais das crianças e adolescentes no contexto escolar, estimula-se a resiliência, que dá suporte no enfrentamento do problema da evasão escolar.

Em territórios periféricos como o do bairro do Jardim Ângela, na zona sul de São Paulo, onde pude desenvolver uma atividade com educandos, observo que o empobrecimento de rede de apoio de serviços de educação, cultura, saúde e lazer no território contribuem para a exposição de crianças e adolescentes a violências e demais vulnerabilidades.

Ainda neste contexto específico de crianças e adolescentes filhos de dependentes químicos, sob o ponto de vista da aprendizagem, Batista (2009) apud Furtado (2002), Moss (1995) Sher (1991) Sher (1997) refere que estes apresentam desempenho menor em testes que medem cognição e habilidades verbais, pois apresentam prejuízos na capacidade de expressão o que pode declinar a eficiência escolar e em testes de inteligência, e outros prejuízos também como empobrecimento nos relacionamentos e desenvolvimento de problemas comportamentais

Identifico-me com a proposta de Galtung (2016) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019, p.282) que propõe o modelo de *transcender* como o método de diagnóstico prognóstico e terapia que permite transformar os conflitos por meio da empatia para reduzir atitudes de não violência e tornar mais sutil os comportamentos e utilizar da criatividade para superar as contradições em todos os níveis sociais. e posteriormente alcançar o desenvolvimento de uma paz positiva mundial.

Assim, também acredito no ponto abordado por Darendorf (1957) apud ALVAREZ-MAESTRE, Annie (2019, p.284) onde refere que a educação para a paz é uma possibilidade do caminho de interação interpessoal e intergrupal através da empatia, da não violência e da criatividade com o intuito de que nada estimule a violência. Sabendo que os conflitos são uma parte natural das relações humanas e as diferentes posições que os indivíduos têm em relação ao objeto específico viu-se a comunicação enquanto instrumento transformador positivo dos conflitos capaz de tornar amigáveis as partes nele inseridas. Desta forma uma comunicação eficaz

pode entender qual é a motivação do conflito observando os interesses e as necessidades das partes nele envolvida em prol da resolução construtiva do problema.

Norgren (2011) traz uma reflexão em relação a valorização do ter em detrimento do ser, e consequentemente a indiferença às necessidades e sofrimentos do outro, em tempos em que os interesses individuais estão em evidência, considerando os prazeres físicos e materiais,

A autora ainda estimula e aprofunda a reflexão quando aponta que é necessária a mudança nos contextos político e educacional e em níveis macro e micro sociais, onde os valores, funções e papéis, dos meios de comunicação, das escolas, e famílias, devem ser rediscutidos com o intuito de desenvolver e aperfeiçoar o acompanhamento oferecido aos indivíduos, em especial àqueles que apresentam instabilidade e sofrimento emocional decorrentes da exposição a fatores de risco.

No cenário da abordagem teórica do imaginário social da paz, colombiana Alvarez-Maestre (2019) estudou sobre teorias de paz, conflito social, imaginário social, educação e educação para paz, e pode perceber que:

educar para a paz significa proporcionar a humanidade um processo de transferência, reprodução, produção e apropriação de conhecimento adaptado aos padrões de comportamento socialmente reconhecidos, normas e valores da sociedade, de modo que a transformação positiva do ser humano em termos de conscientização de sua realidade e importância que isso desempenha como conflito estrutural no desenvolvimento de sua vida (p.290)

Posto isso, a autora denota que, os conflitos podem conceber atos agressivos, centralizados e estruturados em níveis interpessoais ou intergrupais. E ensinar em uma cultura de paz significaria transferir conhecimentos por intermédio de valores como a empatia, não violência e criatividade, com a intenção de evitar que conflitos terminassem em agressões.

Um ponto alto destacado pelos autores Argos, Ezquerra & Castro (2011) apud VEGA, Sara (2018, p.64) é a pedagogia da escuta, que é pautada em métodos que alteram a forma de como os alunos se relacionam e dialogam dando origem a importância ao manifesto do outro.

A escuta ativa é capaz de realizar transformações e aproxima os indivíduos pois segundo Torrego (2001, p.74) o outro se sente estimado e benquisto.

Por este motivo o psicopedagogo precisa existir, e estar presente para auxiliar indivíduos que até o momento não chegaram a possibilidade de troca assertiva no contexto escolar, e que apresentam problema de aprendizagem.

Para aqueles que sofrem da evasão escolar, objeto de estudo desta monografia, aposto na cultura de paz enquanto recurso psicopedagógico de maneira a me aproximar e promover mudanças em antigos conceitos e treinamento de novas habilidades.

Como visto nesta revisão bibliográfica, muitos os textos que pautam esta monografia abordam a necessidade de haver ações de Cultura de Paz, na infância e adolescência, envolvendo planejamento e políticas públicas de prevenção de violência, da promoção de saúde e da cultura de paz no ambiente escolar. E, pautada na minha experiência clínica na saúde pública nestes 16 anos na Psicologia, observo que de lá pra cá só tem aumentado a demanda de trabalho nesta área específica de estudo, porém ainda escassa a acessibilidade do profissional.

Pretendi com esse estudo contribuir para os estudos da Psicopedagogia e na formação de políticas públicas de enfrentamento da evasão escolar especialmente para crianças e adolescentes situados em territórios vulneráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ-MAESTRE, Annie Julieth; Perez-Fuentes, Carlos Alfredo. Educação para a paz: aproximação teórica desde os imaginários de paz. *educ.educ.* , Chia, v. 22, n. 2, p. 277-296, agosto de 2019. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-12942019000200277&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 de novembro de 2019. <<http://dx.doi.org/10.5294/edu.2019.22.2.6>>
- ARGOS, J., Ezquerra, MP e Castro, A. (2011). Ouvir a voz da infância nos processos de mudança e pesquisa educacional. Abordagem para o estudo das transições entre as etapas da educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Educação* , 54 (5), 1-18
- BATISTA, Camila.V.A., COSTA, Fabiana.B., FONTES, Andreza. Intervenção com as crianças, In: FIGLIE, Neliana B, Milagres, E., Crowe, Jaime Família e dependência química: uma experiência de prevenção com crianças e adolescentes no Jardim Ângela. São Paulo: Roca, 2009, p.(65-94)
- BAZON, M. R., Silva, J. L. da, & Ferrari, R. M. (2013). Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei. *Educação em revista*, 29(3), 175- 199. Recuperado em 19 agosto, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/edur/v29n2/08.pdf>
- BOSSA NA. Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed; 2002.
- BEYER HO. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação; 2005.
- BRITO, R. C. & Koller, S. H. (1999). Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. In A. M. Carvalho (Org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp.115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BROOKS, R. (1994). Children at risk: fostering resilience and hope. *American Journal of Orthopsychiatry*, 64(4), 545-553.
- CALDERÓN Concha, P. (2009). Teoria do conflito de Johan Galtung. *Revista de Paz e Conflitos* , 2, 60-81. Recuperado em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=205016389005>>
- CECCONELLO, A.M. E KOLLER, S.H. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, vol 5 (1), 2000.
- COWAN, P.A.; COWAN, C.P.; SCHULZ, M.S. Think about risk and resilience in families. In: E.M. Hetherington; E. A. Blechman (org.). *Stress, coping and resiliency in children and in families*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers, 1996.
- COSTA MV. A escola rouba a cena: um início de conversa. In: Costa MV, ed. A escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP&A; 2006. p.11- 22.

CRUZ, M. T. J. O., & Felgueiras, M. L. (2013). Aproximações à cultura acadêmica universitária na perspectiva coimbrã e sergipana (de 1950 à actualidade). Exedra. Suplemento Exedra de 2013. Temas e Reflexões de História da Educação: perspectivas portuguesas e brasileiras, 40-58. Recuperado em 7 agosto, 2017, de <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2014/09/04.pdf>

DAHRENDORF, R. (1957). *Classes sociais e seus conflitos nas sociedades industriais*. Madri: Rialp.

DESLANDES SF. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. *Cad Saúde Pública*. 1994; 10(Supl. 1): S177-87. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500013>

DOLTO F. A causa dos adolescentes: uma abordagem das inquietações dos adolescentes, numa linguagem acessível a jovens e adultos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990

DURLAK, J.A. e WEISSBERG, R.P. The impact of after-school programs that seek to promote personal and social skills. University of Illinois, Chicago: CASEL 2007. Disponível em: <http://www.casel.org/downloads/ASP-Full.pdf>. Acesso em 20/02/2008.

FERNÁNDEZ A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed;1990

FURTADO, E. F.; Laucht, M.; Schmidt, M. Estudo longitudinal perspectivo sobre risco de adoecimento psiquiátrico na infância e alcoolismo paterno. *Ver. Psiq. Clin.*, v.29, n.2, p. 71-80,2002.

GALLO, A. E., & Williams, L. C. A. (2005). Adolescente em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1), 81-95. Recuperado em 26 junho, 2013, de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1028>

GALLO, A. E., & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 41-59. Recuperado em 24 junho, 2013, de [<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a03v38n133.pdf>](http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a03v38n133.pdf)

GALTUNG, J. (2016). Violência: cultural, estrutural e direta. *Cadernos de Estratégia*, 183, 147-168. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5832797>

HAACK, Karla Rafaela et al . Resiliência em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Juiz de fora , v. 5, n. 2, p. 270-281, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202012000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 dez. 2019.

JUNQUEIRA, M. F. P. S. & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 227-235.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 25 setembro, 2013, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

LEONARDO NST, Leal ZFRG, Rossato SPM. A naturalização das queixas escolares em periódicos científicos: contribuições da psicologia histórico-cultural. *Psicol Esc Educ* 2015;19(1):163-71.

MAIA, J. M. D., & Williams, L. C. de A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91-103. Recuperado em 23 março, 2015, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v13n2/v13n2a02.pdf>

MARQUES, J. P. (2016). O papel dos rituais na formação escolar: um olhar sobre a formação de alunos nas antigas escolas militares. *Revista Contemporânea de Educação*, 11(21), 192-210. Recuperado em 7 agosto, 2017, de <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2745/2767>

MASTEN, A. S.; COATSWORTH, J. D. The development of competence in favorable and unfavorable environments: lessons from research on successful children. *American Psychologist*, v. 53, n. 2, p. 205-220, 1998.

MENDES, M. S. (2013). De inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no Ensino Médio. *Estudos de Psicologia*, 30(2), 261-265. Recuperado em 29 setembro, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n2/12.pdf>

MONTEIRO, Cristina Fonseca. Estabelecendo conexões entre modelos de aprendizagem: psicopedagogia e coaching em resiliência. *Constr. psicopedag.*, São Paulo , v. 24, n. 25, p. 27-34, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2019.

MONTEIRO, D. S. A., Pereira, L. F., Sarmento, M. R. & Mercier, T. M. A. (2001). *Resiliência e pedagogia da presença: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, Faculdade de Comunicação e Educação das Faculdades Integradas São Pedro, Vitória.

MOSS, H.B.; Vanyukov, M.; Majumder, P.P. et al. Pre-pubertal sons of substance abusers: influences of parental and familial substance abuse on behavioral disposition, IQ, and School Achievement. *Addict Behav.*, v.20, n.3, p.345-358, 1995.

NORGREN, Maria de Betânia Paes. Cultura de paz e arteterapia. *Constr. psicopedag.*, São Paulo , v. 19, n. 18, p. 19-24, 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542011000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2019.

Organização Mundial da Saúde. Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências. Genebra: OMS; 2015.

PAÍN S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed;1986

PAULA, A. da S., Carvalho, E. A. de, Croque, C. R., & Souza, K. R. (2017). Perfil sociográfico de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. *Sociedade em Debate*, 23(1), 393-410. Recuperado em 26 julho, 2017, de <http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/1424/1018>

PIAZZAROLLO, Dominique Costa Goes; Fernandes, Lorena Rossi; ROSA, Edinete Maria. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei: permanência e evasão escolar. *Pesqui. prát. psicossociais*, São João del-Rei , v. 13, n. 3, p. 1-15, set. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000300013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jun. 2019.

PINTO, Isabella Vitral et al . Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. *Rev. bras. epidemiol.*, São Paulo , v. 21, supl. 1, e180014, 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200416&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Nov. 2019. Epub Nov 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720180014.supl.1>.

POTT, Eveline Tonelotto Barbosa. O "problema" dos problemas de aprendizagem. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 35, n. 108, p. 357-361, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jun. 2019.

RUTTER, M. Resilience in face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, vol. 147, p. 598-611, 1985.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Jounal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.

SALAS-Wright CP, Nelson EJ, Vaughn MG, Reingle Gonzalez JM, Córdova D. Trends in Fighting and Violence Among Adolescents in the United States, 2002-2014. *Am J Public Health*. 2017; 107(6): 977-82. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2017.303743>

SCOZ, B. Psicopedagogia: contextualização, formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artmed, 1992.

SHER, K.J. Children of Alcoholics: a critical appraisal theory and research. Chicago: The University Chicago Press, 1991.

SHER, K.J. Psychological characteristics of children of alcoholics. *Alcoh. Health Res. & Res. World*, v.21, n.3, p. 247-254,1997.

SILVA, J. L., & Bazon, M. R. (2015). Revisão sistemática de estudos sobre os aspectos escolares relacionados ao cometimento de delitos. *Psicologia em Revista*, 21(2), 273-292. Recuperado em 19 agosto, 2018, de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9523.2015V21N2P272/9394>

SILVA, Bruno Rafael Vieira Souza et al . Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 9, p. 2909-2916, Sept. 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902909&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018239.12962018>.

SOUZA ER, Mello Jorge MHP. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: Brasil. Ministério da Saúde. Violência faz mal à saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. p. 23-28.

TORREGO, JC (2001). *Mediação de conflitos em instituições de ensino* . Madri, ES: Narcea.

TRAVI, Marilene Gonzaga Gomes; Oliveira-Menegotto, Lisiâne Machado de e SANTOS, Geraldine Alves dos. A escola contemporânea diante do fracasso escolar. *Rev. psicopedag.* [online]. 2009, vol.26, n.81, pp. 425-434. ISSN 0103-8486.

UNESCO Yamousoukro Declaration, 1989. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicacoes/BibliotecaVirtual/index_html . Acesso em: 22/05/2008.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE; 1994

VEGA, Sara M.. Educación para la paz y razón inclusiva. El pensamiento crítico en la filosofía para niños. *Innov. educ.* (Méx. DF), México , v. 18, n. 78, p. 55-71, dic. 2018 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-26732018000300055&lng=es&nrm=iso>. accedido en 16 nov. 2019.

VYGOTSKY LS. Pensamento e linguagem. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

VYGOTSKY LS. Obras Escogidas. Tomo II. Madrid: Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura y Ciencia; 2001.

VYGOTSKY LS. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.7^a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2007.

ZINS, J.E e ELIAS, M.J. Social and emotional learning, 2006. Disponível em: www.nasponline.org/educators/elias_zins.pdf Acesso em: 10/02/2008.